

A mordida dos cínicos

Raymundo de Lima*

“Faço festas aos que me dão alguma coisa, lato contra os que não me dão nada e mordo os celerados”

“Diógenes, o Cínico” (Cf.: ANTISERI; REALI, 1990, p.233)

Cínico é um sujeito sem escrúpulos, sem vergonha, descarado, impudico, obsceno, hipócrita, oportunista, atrevido no modo de ser-e-viver ou atrevido quando justifica ‘cinicamente’ um ato imoral. O cinismo pode ser expresso em palavras e atos que indicam falta de vergonha, atos e falas que denotam desprezo por tudo que é moral-ético ou que demonstra aversão pelas convenções sociais. Geralmente o cinismo usa de sarcástico – geralmente confundido com ironia ou humor – para com aqueles que o acompanham. O efeito do cinismo é sempre o constrangimento.

Para o filósofo Peter Sloterdijk, o que constitui o cinismo contemporâneo é a “má consciência ilustrada”. A “realidade” interessa ao cínico, mas ele sempre aposta numa “lógica do pior”¹,

¹ O estudo de Clement Rosset “Lógica do pior” (1989), revela na sua opção pelo trágico certo traço de cinismo. Na sua observação, o homem comum ignora o trágico, mas o homem supostamente esclarecido além de reconhecer o trágico da existência e do mundo, faz uma filosofia deste material. A “lógica do pior” é: *afirmar que a dor é melhor do que não afirmar nada*. Então, como devemos “afirmar a dor”? Na “lógica do pior” o filósofo adota o discurso que ele vê como “lógico”, porque “visa designar o caráter filosófico do discurso trágico” (ROSSET, p. 18). Enquanto que o discurso meramente pessimista de um Schopenhauer, por exemplo, parte do mundo como mau, ou pelo menos manchado de mal, para a partir deste reconhecimento exercer sua “vontade”, o “lógico do pior” aceita o caráter trágico da existência.

de “quanto pior, melhor”. A psicanalista Maria Rita Khel (2000) observa que “O cínico *não é* aquele que quer se iludir; *é justamente alguém que percebe com clareza a dura realidade e, cúmplice do que nos parece condenável, aprende a jogar com ela em benefício próprio*”. [itálico meu].

Slavoj Zizek (1992), que reconhece a produção de uma “razão cínica” em nossa época, analisa: primeiro, o cinismo contemporâneo não é uma postura de imoralidade aberta e franca, mas sim, é a justificativa pública de um ato imoral como se fosse moral; segundo, o cinismo vive sempre em discordância com tudo e com todos, e toda sua “sabedoria” consiste em legitimar a distância entre o pensar e o agir. Em outras palavras, o cinismo erigido em forma de *razão cínica* usa a transgressão alçada como se fosse um princípio ético. Daí a fórmula da razão cínica: *“eles sabem perfeitamente o que fazem, e no entanto o fazem, justificando seu ato imoral como sendo moral”*.

“Vivemos em tempos cínicos” (ZIZEK, 2011). Os manifestantes do Reino Unido, que foram flagrados saqueando apenas produtos de marca e não produtos de necessidade, poderiam usar o seguinte argumento cínico: “Estamos

Portanto, os filósofos trágicos não precisam do discurso chato dos pessimistas para constatar o óbvio: a tragicidade da existência.

aqui, também consumindo do jeito que conseguimos!”. Os alunos uspianos que evocaram o direito de fumar maconha no campus da universidade, também poderiam justificar que a maconha abre o espírito e facilita o aparecer das ideias; aliás este era o argumento usado na década de 1970. A universidade deve ser a favor da liberdade e contra a repressão.

Quando Lula ascendeu ao governo do Brasil, tentaram usar a figura do presidente com um cinismo vestido de humor. A imprensa – grande e a nanica – muitas vezes usa o cinismo passando como se fosse humor, para desqualificar, depreciar, mal-dizer.

A classe média supostamente ilustrada está sempre pronta para falar mal do Brasil, dos políticos, do governo, dos programas televisivos ruins (que ela adora ver), revelando desse modo que *percebe com clareza a dura realidade, mas também é cúmplice do que ela diz condenar, e, pior, aprende a jogar com ela em benefício próprio e ainda justifica que faz assim porque todos fazem*. Como se repetisse o dito de Stanislaw Ponte Preta “Ou restaura-se a moralidade ou *locupletemos todos*”.

Khel (2000) analisa *“personagens de classe média, que se julgam politicamente corretos, com os miseráveis com quem eles se dizem solidários; o resultado do encontro é sempre desastroso e evidencia a nulidade de nossas boas intenções diante da desigualdade monstruosa que já se produziu no país. O engenho desse recurso consiste em manter, diante de algum fato abominável, enunciados que seriam “razoáveis” em outro contexto”*. Assim, o julgamento daqueles que se posicionam do lado politicamente correto ou moralista, produz *cumplicidade ao cinismo*: A “realidade” interessa ao cínico, para quem vale a lógica do “quanto pior, melhor”.

Ainda é possível reconhecer a “**má consciência ilustrada**” no campo educacional brasileiro, que até hoje não quer enxergar o baixíssimo desempenho dos alunos de nossas escolas brasileiras, para não serem obrigados a fazer autocrítica do seu equívoco teórico-metodológico e ideológico. A *indiferença cínica* para com os indicadores (PISA, Ideb, Prova Brasil) faz parte da cultura acadêmica pedagógica do Brasil, que até agora não teve coragem de fazer autocrítica de seu fracasso ou incompetência para formar professores eficientes (GATTI, 2007; GATTI, 2008; ALVES-MAZZOTTI, 2003, CHARLOT, 2008). Porque ninguém do meio educacional se sente particularmente responsável pelo fracasso de nosso desempenho escolar. A culpa é sempre do “outro”: governo, Banco Mundial, Unesco, o próprio aluno, pais, etc. Jamais é a concepção e metodologia do ensino. Professores-pesquisadores sabem disso, mas mesmo assim insistem em reproduzir a mesma concepção ‘batida e falha’ para seus alunos.

Parece sintomático que o cinismo, que é tão visível na política, hoje transparece na universidade. Pior ainda: o cinismo que sempre esteve associado à direita, hoje é sintoma de um segmento de uma “certa” esquerda esclerosada e engeguecida pelos ventos da história recente. Por seu lado, a esquerda democrática – que deveria ser esclarecida ou investir no mais-esclarecimento – demonstra falta de coragem para debater as causas do fracasso de nosso ensino escolar.

O individualismo cínico pode ser tão atrevido hoje que até justifica a corrupção como um “direito”². Uma atividade criminosa como tráfico de

² BETTO, F. Ferfins dos corruptos. In: **Folha de São Paulo**, 15/11/2011.

drogas e armas, ou ser dono de jogo do bicho, querem ser consideradas atividades profissionais. (Aconteceu com Fernandinho Beira-Mar, ao se apresentar suas credenciais na comissão parlamentar de inquérito, em Brasília).

Esse ensaio pretende apresentar algumas faces do cinismo; primeiro, propõe distinguir a filosofia cínica do cinismo ‘líquido’ contemporâneo; segundo, pretende argumentar o cinismo como “estado de espírito”³, portanto sem cor ideológica; terceiro, apresenta o cinismo como produto crescente em nossa época e cada vez elaborado em forma de razão-moral cínica.

1. Cinismo: origem

O sentido “ser cínico” em nossa época difere das ideias da escola filosófica fundada por Antístenes (444-365 a.C.), amigo de Sócrates, que ensinava no *Cynosarge* (mausoléu do cachorro; do grego *Kynikós*: cão, cachorro). Seu discípulo, Diógenes de Sínope, também chamado de Diógenes o Cínico (404 a 323 a.C.), esforçou-se por encarnar o ideal de vida proposto pelo mestre, constituindo-se no modelo de um estilo de vida baseada no cinismo.

Assim, o sentido de cínico em Diógenes está para ser um filósofo-na-ação e não apenas no discurso; um filósofo-cão cuja prática cotidiana é *latir contra tudo e contra todos*. Trata-se de empreender uma prática baseada no atrevimento de ser-prático e na ousadia para denunciar a contradição daqueles que discursam mas não agem, ou discursam sobre a honestidade, sobre a moral, sobre a

política, e praticam o seu avesso. Dizem que Diógenes portava uma lamparina em pleno dia, em lugares repletos de gente, procurando um homem honesto (*quaero hominem*). A frase queria significar: *procuro um homem autêntico, alguém que não vive para as exterioridades mas é capaz de romper com as convenções, reencontrando a sua genuína natureza, coerente para viver de acordo com esta natureza*⁴.

Agindo desse modo, Diógenes deu visibilidade a um estilo de vida supostamente autêntico, marcado pelo desprezo às convenções sociais, à opinião pública e à moral comumente admitida, e até o desprezo pelas leis existentes. Diógenes pregava o retorno à vida simples conforme a natureza (LALANDE, 1993; MARCONDES, 1991).

Mas os traços da filosofia cínica diogeana vão além da autenticidade e simplicidade como opção de um modo de ser baseado no viver quase instintivo. Sua atitude atrevida se confronta com o poder político (Diógenes se confrontou com Alexandre “o grande”); também considerava o amor como sendo absurdo, era contra se apegar a outra pessoa, criticava o modelo familiar grego afirmando que as esposas deveriam ser mantidas em comum, e não reconhecia nenhuma legitimidade em qualquer união baseada na coerção mas somente nas relações livres e voluntárias.

³ Para Hryniewicz (2001, p.281), enquanto filosofia, o cinismo é um “estado de espírito” difícil de ser posto em prática. Todavia, entendemos que vivemos numa época cínica de descaramento entre o falar e o fazer, entre o discurso e a prática, com o agravante ainda de justificar ser uma prática moral ou politicamente correta.

⁴ Essa procura infrutífera teria se iniciado depois que Diógenes e seu pai foram acusados de desviar dinheiro da Casa da Moeda de Corinto, onde havia trabalhado. Este simples episódio pessoal-familiar poderia levar um psicanalista de nosso tempo suspeitar da ‘falsa santidade’ no seu estilo de vida miserável, forjando assim uma *persona* (máscara social) para recalcar sua grande ambição por riquezas e pulsões desejanças dirigidas aos prazeres da carne, prestígio social etc.

O exemplo do cinismo diogeano adota um desaparego radical para com os bens materiais, as relações sociais e aos valores convencionados pela civilização. No fundo, o cinismo diogeano não dá valor as conquistas da civilização, também denominada urbanidade. Por isso, Diógenes não tinha nada ou não se ligava a nada: pessoas, bichos, bens materiais. E “quando você não tem nada, é fácil dizer que não dá valor a nada” (PONDÉ, 2010). Quando você não se liga a pessoas, boicota a possibilidade de amizades autênticas. Ainda, não adotar um mínimo de polidez, bom senso e hipocrisia social, o sujeito não sobrevive na sociedade contemporânea⁵.



Diógenes de Sinope no seu tonel e seus discípulos

Mas parece que Diógenes não se importava com sua vida de cão (*kinos*) abandonado, sobrevivendo apenas de restos de comida. Os cães exigem pouco da vida: comem qualquer coisa, não fazem estardalhaço sobre onde dormir, são capazes de realizar suas necessidades corporais em público sem constrangimento, aprendem quem é amigo e quem é inimigo, etc. Ainda, esses bons animais diferem dos humanos, que enganam e são enganados uns pelos outros; os cães reagem com honestidade frente à verdade, esbravejam e mordem aqueles que merecem e vivem o presente sem ansiedade pelo futuro.

Diógenes andava descalço, embrulhado na sua única e rota capa. No início dormia debaixo dos pórticos, depois passou a viver num barril, e se sustentava dos restos de comida e doações dos admiradores. Vivendo assim tão despojado de tudo, parecendo um animal, Diógenes se oferece como exemplo de que *pouco é suficiente para viver*. Sua liberdade radical vivida no cotidiano denuncia que *quanto mais se eliminam as necessidades supérfluas, mais se é livre*. Será?

2. O estilo diogeano e o estilo socrático

Certa vez, perguntaram a Platão que tipo de homem era Diógenes e Platão respondeu: “um Sócrates que ficou maluco”. Ou seria “um anti-Sócrates que adotou um estilo *perverso* de ser”?

reatualizam o gesto de Diógenes” (FONSECA, 2011).

⁵ Rubem Fonseca (2011), citando o filósofo Michel Onfray, se pergunta “onde se aninham os “autênticos” descendentes do filósofo do cão, em nossa época?” Michel Foucault e Gilles Deleuze, “que morderam feito cães, cagaram e mijaram nas falsas aparências da época, levantaram as patas diante das horarias e dos poderes”, talvez se aproximam do sentido cínico grego. Mas, há quem duvide sobre esta “autenticidade”, porque tais filósofos não viveram desse modo, mas apenas usaram algumas ideias do cinismo como *marketing* de sua filosofia “teórica”. Adotar o modo de vida do cinismo certamente entraria em choque com a cultura universitária. Os atrevidos pagaram caro, por merecimento ou por ingenuidade. O meio universitário contemporâneo é apolinista, burocrático, politicista, ‘fogueira de vaidades’, excludente, produtivista, os vínculos entre os pares são frágeis e inautênticos, etc., portanto, é ela um lugar hostil ao estilo diogeano. Fonseca (op.cit.) observa que os cínicos “autênticos” de nossa época existem entre as pessoas simples: “Pode ser qualquer um que se sinta revoltado e animado por uma vontade política de acabar com os cínicos vulgares, aqueles que querem vender um amanhã ideal para fazer engolir o hoje insuportável. Sua insubordinação, sua rebelião, sua revolta, sua reivindicação

Porque a maluquice (ou psicose) não é perversão⁶.

Todavia, a prática do cinismo diogeano se situa do lado da perversão, pelo libertarismo e raivosidade contra a hipocrisia social, efeito da neurose. Ainda, uma coisa é ser “maluco beleza” – que nada tem de psicótico –, e outra é a busca consciente de um modo de ser-e-viver de acordo com a natureza.

Mas o problema do cinismo filosófico é sua falta de medida (de *justa medida* de atos e palavras), principalmente para as “almas vulgares” que pretendem justificar tendências maldosas de modo moral. Por isso que Nietzsche afirma que “o cinismo é a única forma sob a qual as almas vulgares se aproximam do que seja honestidade” (JGB/BM § 26 apud Moreira, 2007, p. 72). Para o filósofo alemão, que supervaloriza o estilo dionisíaco, falta ao cinismo diogeano uma filosofia da natureza, como

princípio “positivo” de orientação de conduta⁷.

Parece que Diógenes tinha uma personalidade destemperada, pois comumente insultava qualquer um, desde aqueles que ele dependia para sobreviver até gente de muito poder, como foi o imperador Alexandre. Isso mesmo, Diógenes dependia de outros para sobreviver. A sobrevivência do seu estilo “cínico” dependia dos que ele desprezava, portanto, é possível questionar uma contradição fundamental entre sua prática e o discurso. Diógenes não tinha a menor vergonha de pedir ou de usufruir bens alheios, porque para ele, *tudo é de todos*. Ao receber restos de comida, receber esmola, morar num barril, ele não se sentia rebaixado ou envergonhado. Diógenes não se importava com sua condição pedinte dos que ele desprezava. “Pedinte sim, adulator não”, esbravejava. Assim, o cinismo diogeano entende que receber coisas ou favores é obrigação do mundo

⁶ (A) Freud considerada que a neurose era o “negativo da perversão”. Ou seja, o **perverso** age muitas vezes pela ausência de um mecanismo de recalçamento. Na leitura lacaniana, “a perversão não é simples aberração da conjunção sexual em relação aos critérios sociais estabelecidos” (CHEMAMA, 1995, p.162), mas sim, **ela visa deixar valer os impulsos primitivos (considerados naturais e livres) sobre as regras sociais**. Por exemplo, as obras autobiográficas de Sade e Sacher-Masoch e as utopias sociais de Fourier promovem o gozo universal como objeto. Portanto, o estilo diogeano está mais para perversão.

(B) O estilo “maluco beleza”, cantado por Raul Seixas, busca um modo de ser supostamente autêntico, instintivo, diferente, irreverente, anti-social e anti-dogmático. Mas o parceiro de Paulo Coelho não foi influenciado pelo cinismo. Raul Seixas cantava que preferia ser uma “*metamorfose ambulante do que ter uma velha opinião formada sobre tudo*”. O estilo “rauzito”, nos anos de ditadura militar, pretendia projetar uma sociedade alternativa com um estilo musical crítico-esotérico (Metamorfose, Ouro de Tolo, Gita), que incomodava menos a ditadura militar do que o estilo “esclarecido” da música de Chico Buarque ou mesmo de Caetano e Gil.

⁷ O interessante estudo de Adriana Belmonte Moreira (2007) considera que “a filosofia golpes de martelo [de Nietzsche] pode encontrar nos golpes de cajado de Diógenes um importante aliado na luta contra um inimigo comum: a filosofia platônica. (...). Desse modo, não deve causar espanto se ora Nietzsche se coloca entre os ‘cínicos’, ora lhes faz objeções. Ao fim, o que Nietzsche visa é exposição de sua própria filosofia”. Segundo a autora acima, “o filósofo alemão recorre à ‘mordida’ cínica para criticar a *décadence* de seu tempo e denunciar a disseminação das valorações *décadents* nos aparentemente mais apartados ramos do conhecimento, das artes à ciência, da gramática às teorias políticas. Todavia, mais precisamente, pode-se entrever que é a crítica à “vontade de verdade” a todo custo, principalmente, a denúncia de sua expressão mais rematada na tábua de valorações morais do ocidente cristão, que se coloca no horizonte do filósofo” (MOREIRA, 2007).

para com gente que vive de modo tão “autêntico”⁸.

Não está claro se o sentido do cinismo diogeano é a busca a felicidade (*eudaimonia*). Contudo, tal filosofia prática indica um paradoxo: por um lado, parece tomar como parâmetro de vida feliz o comportamento animal, mas “isso não significa que os cínicos gregos adotavam uma moral naturalista pautada no desregramento e no excesso, na liberdade absoluta de gozo de apetites e paixões” (MOREIRA, op.cit., p.72). Portanto, tal estilo “exigiria uma força interior que não pode ser fundada somente nos instintos” (HRYNIEWICZ, op.cit., p.282). O cínico grego também não busca o prazer ao estilo dos epicuristas, porque o “epicúrio utiliza sua cultura superior para se tornar independente das opiniões dominantes, eleva-se acima destas, enquanto o cínico fica apenas na negação” (MOREIRA, op.cit., p. 89). Já a sabedoria de Sócrates busca a felicidade não pelos bens exteriores e nem pelos prazeres do corpo, mas sim, pelo desenvolvimento das virtudes, porque a própria virtude já constitui um fim.

Enquanto a ética socrática se esforça no sentido do exercício das virtudes (fazer o bem, humildade, prudência, respeitar opiniões diferentes, denunciar a hipocrisia, desmascarar os pseudo-argumentos por meio da maiêutica, etc.), o estilo cínico grego passa por cima das virtudes e das regras de convivência, exceto a coragem de dizer sem cálculo do efeito das palavras. No caso da amizade como ponto necessário para se

alcançar a felicidade (gr.: *eudaimonia*), Sócrates, Aristóteles e Epicuro, entre outros, demonstram tanta dedicação a essa virtude, daí o especial apreço destes filósofos aos amigos como sendo o principal bem da existência. Já o destemperado Diógenes demonstra sua insensibilidade para com o outro e o sentido maior da existência. Trata-se de uma opção filosófica baseada na indiferença e na falta de empatia, cujo efeito é o afastamento e o ressentimento dos próximos.

Sócrates, radical e autenticamente humilde diz “eu sei que nada sei”; Diógenes com sua arrogância peculiar dizia “vivo como quero e todos terão que me suportar”. Enquanto Diógenes supervaloriza a convicção de viver segundo sua natureza baixa ou quase instintiva, Sócrates se esforça para desenvolver a razoabilidade e a ascese. Ambos desprezam a hipocrisia da sociedade, ambos perseguem uma vida simples ao viver o dia-a-dia, mas o cinismo diogeano deixa transparecer arrogância de ser o “mais autêntico”, “o exemplo de homem moral”, de “honestidade em pessoa”.

Contudo, o estilo diogeano encerra uma contradição: ser libertário e ser moralista ao mesmo tempo. Por um lado, existe a pretensão radical de viver livre (daí Diógenes se masturbar⁹ em público, cuspir na cara de Alexandre “O grande”, esbravejar ou latir em público), e, por outro, no fundo, ele teria encontrado “o” único homem honesto” de sua época: ele próprio. De qualquer forma, ambas são atitudes contrárias ao estilo socrático. Ainda que o cinismo diogeano revele uma língua afiada para revidar

⁸ O sentido da mendicância de Diógenes poderia ser interpretado hoje como preguiça, acomodação, um ‘cara folgado’ e ‘mal-agradecido’, principalmente com os amigos que sustentavam o seu estilo cínico. Por isso que Bertrand Russell formula o “Cinismo como a combinação de comodismo com impotência”.

⁹ A masturbação em público não se trata de seguir o hedonismo, pelo contrário, porque o “desprezo pelos prazeres” já era pregado por Antístenes como fundamental para o espírito. (ANTISERI; REALE, 1990, p. 233).

provações, não pode ser confundido com o estilo socrático que age pautado na prudência e na humildade ao enfrentar o ponto de vista do adversário, cujo saber está adormecido. Na verdade, o cínico elege adversários, enquanto que para Sócrates o adversário é a ignorância.

Os comentadores dizem que Diógenes foi o exemplo vivo de *indiferença cínica* para tudo e para todos, porque faz parte deste estilo também não ligar para o sofrimento humano, principalmente quando este se expressa em ritos considerados hipócritas: funeral, homenagem aos mortos, festas de formatura, festas sociais e culturais, etc.

Portanto, a *indiferença cínica* se dirige tanto para qualquer manifestação social e cultural, como para aqueles que ocupam o poder. Certa vez o imperador Alexandre lhe teria perguntado o que poderia fazer por ele. Diógenes ficou incomodado que

Alexandre, nesse momento, fazia-lhe sombra. E respondeu "Não me tires o que não me podes dar!". Tal atitude não se baseia em expressar sua grande coragem, mas sim, em revelar sua *indiferença* para com o poder e a grandeza do imperador.

3. O cinismo como ingrediente da cultura narcisista contemporânea

A cultura narcisista contemporânea é mais estética do que ética, e, nas últimas décadas, no ocidente, tem se revelado mais permissiva do que repressora. A permissividade da classe média brasileira, por exemplo, se expressa no consumismo e na visão cínica do

mundo¹⁰. Num extremo, o cinismo narcisista da classe média opera com indiferença consciente, e noutra, usa fala panfletária, com intenção de justificar sua cúmplice. Esse estilo é comum nos corredores das universidades do Brasil, onde a fala rasa e curta pretende passar um ar de conhecimento sobre os assuntos complexos da política nacional e internacional, a violência urbana, as cracolândias, o terrorismo de grupos ou de Estado, os fundamentalismos etc. As pseudo-análises cínicas atuam com finalidade catártica e narcisista, visando ganhos de sintoma. O protesto da classe média brasileira hoje é um latir de cão pequenez (protesta contra a alta carga dos impostos, p/ exemplo), e vez ou



outra morde no imposto de renda, aprende como levar vantagem sobre as brechas da lei, matricula os filhos em bons cursos particulares para melhorar a probabilidade de passar nos vestibulares das universidades

públicas, paga bons restaurantes com tickets do estado, etc.

No final da década de 1980, o psicanalista Jurandir Freire Costa (1988), alertava para o perigo da lei-dação tomar conta das grandes cidades do Brasil. Havia um cinismo intelectualizado, na época, que pregava "sejamos todos fora da lei!", porque assim tem que ser. Era um momento de descrença total quanto ao futuro do Brasil. A piada do momento era: os otimistas diziam que haverá merda para todos, e os pessimistas retrucavam que não haverá merda suficiente para atender

¹⁰ Ler a análise de Maria Rita Khel (2000).

a demanda. A banda Legião Urbana cantava “Que país é este?” (1987), denunciando sujeira pra todo lado. Parecia que a sujeira da corrupção tinha virado epidemia na sociedade. O Brasil – e os brasileiros – estavam doentes.

Costa (op.cit.), nesse momento, analisa que a ‘razão cínica’ caminha aparentemente ao lado da razão crítica, mas apenas para “afirmar a primazia da violência, ornando-a de atributos essenciais e universais... [Porque para os cínicos] a violência é universal e necessária! (...). Em nome do realismo, o cínico convida a todos para que subscrevam a moral da violência, que ele decretou universal e verdadeira” (COSTA, p. 168). Essa atitude abriu espaço para reconhecer como “justo” o terrorismo e o sequestro. (Numa reunião familiar, um ex-stalinista defendia o socialismo soviético justificando: ter sido necessário Stalin encomendar o assassinato de Trotsky, exilar os dissidentes na Sibéria, invadir a Hungria e a Tchecoslováquia. Portanto, para o cínico saudoso do stalinismo a violência é “necessária”, porque era feita por uma causa justa).

Então, a *razão crítica* pautada na indiferença e na falta de empatia, pode ser tomada como *razão cínica*. Não se importar com os meios para se atingir um fim, que no fundo visa um benefício pessoal, ainda que justificado ser uma suposta causa de todos, é produto da razão cínica. O denunciamento irresponsável que se aproveita das brechas da democracia “burguesa”, é produto da razão cínica. Diante dos sintomas da realidade política de qualquer governo (corrupção, tráfico de influência, contradições), o cínico quer ver principalmente um governo de centro-esquerda pegar fogo. Grupos de extrema esquerda e de extrema direita se

encontram na fita de Moebius¹¹, latindo e mordendo para criticar por criticar. O gozo do cínico tem um fundo sádico, principalmente na política.

Os cínicos que se passam por “críticos de esquerda”, geralmente não se entusiasma pelo Lula no governo e a marca do governo Dilma. No âmbito internacional, também não houve entusiasmo dos cínicos de esquerda pelo movimento popular desencadeado no mundo islâmico denominado Primavera Árabe. Os incansáveis manifestantes acampados na praça Tahir, no Cairo, não receberam apoio daqueles que, aqui, fizeram parte do movimento pelas “Diretas Já” ou da passeata dos 100 mil, no Rio de Janeiro. Por quê?

Ainda, faltou apoio formal da nossa esquerda aos opositores ao governo cínico de Mahmoud Ahmadinejad, este acusado de fraudar as últimas eleições do Iran. Mas os mesmos vibraram ver na TV carros serem queimados e lojas saqueadas por jovens no Reino Unido e na França. O cínicos que dizem odiar o poder, odiaram a derrubada e morte do ditador Kaddafi, bem como também criticaram o assassinato do megaterrorista Ossama Bin Laden. Afinal, vale tudo se for contra os Estados Unidos!

E o silêncio diante da opressão das mulheres nos estados fundamentalistas islâmico, judaico ou cristão? No caso do Iran, o presidente Ahmadinejad, diz publicamente não existir homossexuais no seu país, e que não houve o holocausto. Puro cinismo. E o silêncio sobre os sequestros promovidos pelas

¹¹ **Fita de Moebius: ver**

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Fita_de_M%C3%B6bius>

<<http://www.youtube.com/watch?v=ewa-WUK1z8s&feature=related>>

<<http://www.youtube.com/watch?v=an159IwfAS8>>

Farcs, na Colômbia? E o silêncio sobre os que morrem em greve de fome em Cuba, e o impedimento da blogueira cubana, Yoani Sánchez, para receber prêmios noutros países, inclusive com visto de turismo já autorizado pelo governo do Brasil? É necessário se arriscar ser rotulado de direita, para denunciar o cinismo de esquerda? Por que a própria esquerda não pode fazer autocrítica? Esse ponto-cego da esquerda lembra o alerta do escritor Jorge Amado, que foi membro do Partido Comunista: *"Atrevo-me a dizer que as ditaduras de esquerda são piores, pois as de direita pode-se lutar de peito aberto. Mas quem o fizer contra as de esquerdas acaba acusado de isso ou aquilo..."*



"Não existem homossexuais no Iran", dito pelo presidente do Iran, Mahmoud Ahmadinejad.

A movimentação do cinismo contemporâneo: o fascismo e o stalinismo

A filosofia prática cínica é considerada por alguns estudiosos como a precursora de um certo tipo de anarquismo da contemporaneidade; seria um inspirador da vertente libertária conhecida como anarco-individualismo e outros movimentos pró libertarismo no modo de ser-no-mundo.

Possivelmente, o último grande movimento social 'apolítico' influenciado pelo cinismo diogeano foi o movimento *hippie*, que aspirava ser contra o "sistema", contra o consumismo, contra o comodismo cosmopolita, contra a tradição conservadora e patriarcal, contra a guerra; e, por outro lado, pregava o amor-livre, o libertarismo das pulsões consideradas essencialmente anárquicas contra séculos de repressão patriarcal.

Mas, consideramos que o movimento *hippie* foi influenciado diretamente por filosofias mais recentes: Marcuse, Fromm, Reich, Rogers, etc. As transformações ocorridas com a revolução cultural¹² à partir da década de 1960, foram influenciadas mais por um caldo de filosofias de acordo com o gosto e contexto cultural e político do momento. Assim, vamos encontrar elementos de cinismo, epicurismo hedonista, ceticismo, marxismo, psicanalismo, mais o misticismo importado do oriente em vários movimentos sociais do século 20 até hoje; este caldo de ideias e de filosofias contribuiu *positivamente* para oxigenar a sociedade no sentido do espírito da "revolta" camusiana, muito mais do que para se enquadrar num espírito de "revolução" guiada por uma grande teoria que visava forjar um novo homem (LIMA, 2008; ARONSON, 2007¹³).

¹² Como disse o coerente historiador marxista Eric Hobsbawm: "O que realmente transformou o mundo foi a revolução *cultural* da década de 60 (...) Pode-se argumentar que a marca indicativa realmente importante da história da segunda metade do século XX não é a ideologia nem as ocupações estudantis, e sim o avanço do jeans" (HOBSBAWM, 2002), p. 290). Mas, Hobsbawm termina o texto dizendo que jamais usou jeans.

¹³ Para aprofundar uma reflexão sobre as polarizações do espírito de "revolta" e do espírito de "revolução", produzidas após 1952, sugiro ler *"Camus e Sartre: o polêmico fim de*

Contudo, um cinismo trivial e perigoso em nossa época vem se disseminando em vários lugares da sociedade. Na política, o cinismo encontra seu lugar no direito e no avesso, por exemplo, na propaganda dos candidatos, nas alianças esquizofrênicas entre partidos, nas declarações dos corruptos que justificam o imoral como se fosse moral.



Propaganda política cínica como se fosse humor

Nas ditaduras de direita o cinismo aparece em forma de perversão das leis e na política de Estado centrada no carisma do líder e nos atos de extrema perversidade e justificativa “moral” (vide as tentativas de justificar o genocídio judeu e o *apartheid* da África do Sul).

Nas ditaduras de esquerda com seu “discurso do bem”, todo mal se justifica pelo bem que irá proporcionar a uma classe historicamente injustiçada, o proletariado. Também os regimes democráticos não escapam de usar a razão cínica, ainda que a causa seja legítima e até aceita pela maioria da população. A atuação da esquerda ‘pragmática’, nas democracias do ocidente, por vezes também procura justificar o injustificável: o caixa dois do partido, o enriquecimento ilícito de seus membros, políticas que causam

desemprego em massa, irresponsabilidade fiscal e monetária, etc. Os cínicos produzidos nas democracias até dizem: “se todos fazem assim [no sistema capitalista], por que não podemos agir do mesmo modo?” (Ao notar um comunista se fartando no mais caro restaurante da cidade, ele se justifica: “eu luto para que todos possam também comer tão bem como eu”).

Aqui, existe uma distinção fundamental entre o cinismo stalinista e o cinismo fascista. Na análise de Zizek (1992), o discurso fascista funciona pelo poder hipnótico do líder, sobretudo na “voz” do Líder; já o discurso stalinista se apóia no texto teórico de fundo moral. Que texto? Não é qualquer texto que se apóia o cinismo stalinista, mas um texto elevado à categoria de texto-teórico próximo ao sagrado. Qualquer proposta de análise de uma situação econômica, crítica política, crítica da política educacional do governo, comentário de um filme ou de um programa televisivo ou radiofônico, o discurso cínico stalinista vai sacar uma resposta supostamente sustentado na Grande Teoria ou num Grande Autor, ambos consagrados pelo habitus acadêmico. A Grande Teoria e o Grande Autor são evocados para explicar tudo. Só que o próprio não enxerga que qualquer teoria funciona como um cobertor curto, isto é, a explicação é sempre limitada ao contexto cultural, contingências, temporalidade etc. Mas o aparato ideológico stalinista é automaticamente acionado tanto para “explicar” as contradições, fome, prostituição, justifica que pratica a “verdadeira democracia”, e assim por diante. O discurso cínico stalinista age como peça de propaganda política do Estado que se vê cumprindo um projeto político

uma amizade no pós-guerra”, de Ronald Aronson (Ed. Nova Fronteira, 2007).

especial para o proletariado¹⁴. Para fazer valer sua autoridade moral, o Estado stalinista se vale do grande aparato policial, para camuflar as contradições entre o discurso e a prática e para silenciar os divergentes. O Estado fascista também se vale do grande aparato policial, mas no lugar do texto supostamente científico stalinista-jvadvista, o nazi-fascismo se vale da mitologia da supremacia da raça ou dos tempos de glória do povo, enfim, evocam arquétipos adormecidos no incosciente coletivo popular (ECO, 1995).

4. Razão cínica: fé e razão universitária

Até nas igrejas – que ainda se pretendem redutos morais – usam de argumentos cínicos para levar adiante suas bandeiras moralistas ou para justificar moralmente seu negócio com a fé.

Também o discurso universitário, principalmente quando pretende ser do “contra” ou “anti” isso ou “anti” aquilo, se vale da razão cínica. O discurso universitário se propõe investir na verdade, mas na prática didático-pedagógica o *habitus* acadêmico usa de estratégias para privilegiar um ponto de vista ideológico ajustado ao discurso da universidade. Na formulação

lacaniana, no “discurso da universidade” o que produz não é um saber, mas sim, um poder que reforça a constituição dos sujeitos divididos entre o saber e a verdade. Com efeito, o discurso da universidade (re)produz sujeitos divididos, que saem “formados” e “carimbados” unidades de valor. Nesse sentido, Lacan não situa o discurso da ciência no discurso universitário, porque este último está imerso no jogo de poder intra-institucional e busca de prestígio dos seus agentes. Portanto, o mais-gozar do discurso universitário não é a produção da verdade científica, mas “outra coisa” que parece verdade.

Em teoria, a universidade diz respeito a possibilidade de dialogia entre os diversos saberes num campo supostamente pluralista de ensino, pesquisa, extensão, publicação e debate. Na prática, é raro ocorrer debate racional e sistemático na universidade contemporânea, porque grupos hegemônicos sabem de antemão como manobrar os dispositivos técnico-burocráticos para ganhar o jogo do poder e os espaços de saber. (A produção do *homo academicus* é bem estudado por Pierre Bourdieu). Em sala de aula, cada professor-pesquisador adota uma concepção como se fosse um dogma religioso a ser reproduzido pelos alunos. A humildade epistêmica e autocrítica fazem parte do discurso universitário, mas não se faz prática na vida acadêmica. Para o psicanalista, quando o professor deixa escapar inconscientemente “Eu acredito...” em vez de “Eu penso”, fornece uma pista do para o reconhecer o seu cinismo recalcado.

¹⁴ Exemplos: o cinismo do governo George W. Bush, que conseguiu convencer a população que os iraquianos tinham armas químicas, e, portanto, os EUA tinham que invadir aquele país, difere do cinismo stalinista praticado ainda hoje pelo governo da República Democrática Popular da Coreia do Norte: que nada tem de “república” (porque o poder é passado de pai pra filho, agora na terceira geração); nada tem de “democrática” (não existe eleições democráticas, não existe liberdade de opinião e de imprensa); nada tem de “popular” porque o um culto à personalidade ao “grande líder”, causou efeito de fanatismo. O culto à personalidade norte-coreano atingiu proporções de histerismo coletivo no funeral do “amado-grande líder Kim Jong Il”, em 2011. Foi autêntico ou sincero o que vimos pela TV?



Cinismo nas relações entre governantes.

Um exemplo desse escape cínico: recentemente um conhecido professor de uma universidade do Rio Grande do Sul escreveu um pequeno ensaio no blog desta revista fazendo apologia da maconha¹⁵. Certamente, ele sabe que a maconha, o tabaco, as bebidas alcoólicas, todos fazem mal a saúde do usuário e dos que vivem com ele. O cinismo do referido professor pode ser reconhecido desde o título do seu ensaio [“Para a saúde, é melhor fumar maconha!”](#) e o mote inspirador do mesmo: um médico que teria dito esta perigosa frase. Em nenhum momento do famigerado texto o autor cnicamente não alerta ao usuário, principalmente o dependente de maconha turbinada ao crack, que virou um escravo deste vício¹⁶. Ora, um professor que age assim modo cínico, opinativo, no fundo,

¹⁵

Ver

<http://espacoacademico.wordpress.com/2011/11/29/para-a-saude-e-melhor-fumar-maconha/>

¹⁶ Para Martins, “o argumento de que ninguém pode ser obrigado a fazer nada contra sua vontade parece frágil ao se considerar que o usuário [principalmente dependente do crack] já não controla seus desejos e virou um escravo do vício” (Cf.: Fernando Martins **“O crack e a internação compulsória”**. Disponível em http://www.gazetadopovo.com.br/colunistas/cont_eudo.phtml?id=1197718)

conscientemente defende a liberdade de ser “escravo do vício” [lat.: *drogadicium*]. O cinismo é fazer acreditar no paradoxo “escravo do vício”. Também porque ele denega o fato de algumas personalidades serem mais vulneráveis do que outras, logo, são menos sujeitos ou assujeitadas às injunções do narcotráfico ou do consumismo *made in capital*. Existe ainda uma falta ética: um professor é antes de tudo uma *função-docente*, portanto, desse lugar [éthos] ele deve exercer mais o conhecimento esclarecido (gr.: *episteme*) do que a irresponsabilidade de uma opinião (gr.: *doxa*), que perverte a função-docente com efeitos danosos aos leitores e alunos.

Para Zizek (1992), o cinismo contemporâneo não é uma postura de imoralidade aberta e franca, mas sim, é a justificativa pública de um ato imoral como se fosse moral, já dissemos. No caso do texto acima, trata-se de uma justificativa fundada apenas no olhar “político” que pretende ser do “contra” ou “anti” sistema; mas tal posição termina sendo cúmplice do sistema capitalista, porque o narcotraficante se considera um motor importante para a economia capitalista. O atrevimento cínico do professor, acima, está associado a indiferença cínica da classe média brasileira, tão bem analisado por Khel (op.cit.). A *indiferença cínica* do referido texto está em, primeiro, reduzir a complexidade da drogadicção ao olhar político (que para ele é o olhar mais importante); segundo, ele desconsidera ou despreza os demais pontos-de-vista (psicológico-psicanalítico e psiquiátrico) que reconhece o sofrimento psíquico, moral e corporal daqueles que se tornaram vítimas das drogas; terceiro, o

próprio parece não se importar com o efeito tóxico do texto panfletário¹⁷.

Zizek, inspirado em Peter Sloterdijk, a partir da máxima cristã “perdão, eles não sabem o que fazem”, intui o *slogan* do cinismo atual promovido à *razão e moral cínicas*: **“eles sabem muito bem o que estão fazendo, mas mesmo assim o fazem”**. Gente que faz apologia da maconha, ou que justifica ideologicamente o terrorismo, ou faz piadas racistas, ou defende a pedofilia e o estupro etc., sabe muito bem que age mal, mas mesmo assim conscientemente insiste em passar tais ideias como ‘ideologicamente corretas’, porque estão sustentadas na Grande Teoria ou em autores consagrados. Portanto, a atuação cínica na universidade não é ingênua e nem inconsciente, “é o paradoxo de uma falsa consciência esclarecida” (ZIZEK, 1992, p.59).

Concluindo...

O escritor Rubem Fonseca associa o cinismo a cabeça de Janus, o porteiro celestial, que segundo a mitologia possuía duas cabeças,



simbolizando os termos e os começos, o passado e o futuro, o dualismo relativo das coisas. Para o escritor, a semântica tem duas cabeças, uma sincrônica, que fala de palavras com o mesmo significado ao mesmo tempo, e outra diacrônica, que estuda a modificação das palavras ao longo do tempo. Ele lembra também da definição dada por H. L. Menken que entende *o cínico como alguém que quando cheira uma flor olha ao redor procurando o caixão do defunto*¹⁸. Porque o cínico continua irremediavelmente pessimista, enfezado, atrevido e pronto para até morder qualquer um que passa.

O cínico contemporâneo está distante de seguir a filosofia cínica dos gregos antigos, daí ser um estilo mal compreendido ou que causa constrangimento e até danos as vítimas.

Perverso ou patológico, o cínico atual é um enfezado ou distímico, cujo modo de ser ou expressar pode despertar curiosidade ou riso nos incautos. Quando Paulo Maluf disse na imprensa, “Estupra, mas não mata”, causou risos apenas nos incautos. Porque os esclarecidos sabiam que ele estava sendo sarcástico e cruel com as vítimas. Quando um governante diz que não houve holocausto, ganha simpatia da extrema direita (inclusive dos fascistas de esquerda¹⁹) e ódio das vítimas que sobreviveram ao regime nazista. Ou seja, o cínico militante constrói um discurso com verniz moral à serviço de uma imoralidade. Sua pregação visa camuflar

¹⁷ Sequer o autor do texto leva em consideração que hoje o uso da maconha é adicionado ao crack, que é porta de entrada para outras dependências químicas. O texto não elabora um mínimo de contextualização histórica-política e cultural: fumar maconha nos anos 1970 representava um ato de protesto contra a guerra do Vietnã ou contra as ditaduras latino-americanas e gerontocracias. O sentido de fumar maconha, principalmente, mudou conforme a época, cultura, modismo. Em nossa época, um dependente de drogas deixou de ser *sujeito* de escolha, porque um dos sintomas do vício é justamente a perda do juízo crítico e a capacidade de escolher; daí a polêmica sobre a internação compulsória dos toxicômanos ou drogadictos. Fumar maconha deixou de ser um ato político, para ser um ato de assujeitamento do viciado ao narcotráfico capitalista.

¹⁸ Tomei emprestado essa referência do escritor Rubem Fonseca (Cf. blog).

¹⁹ A expressão “fascismo de esquerda” foi cunhada pelo filósofo alemão Jürgen Habermas.

ou distorcer a verdade. Recentemente o primeiro-ministro inglês, David Cameron, discursou no parlamento do Reino Unido se referindo à Argentina como “colonialista”. Seu discurso cínico, primeiro, tem a intenção de desviar o foco do tradicional colonialismo inglês pelo mundo; segundo, reforça o pacto com do seu governo para com a população de origem inglesa que habita as Ilhas Falklands ou Malvinas; terceiro, ele conta com a fraqueza militar da Argentina. Para alguém de bom senso, é imoral comandar as Ilhas Malvinas, que ficam a 14 mil quilômetros da Inglaterra e tão perto da Argentina.

* * *

A palavra cínico hoje possui sentido diverso da origem diogena. Como foi sugerido no início deste texto, chamar alguém de cínico pode ser um insulto, mas também pode ser um elogio se o próprio segue a filosofia cínica influenciada por Antístenes, Diógenes, Crates (séc. 3 a.C), entre outros.

Apesar do estigma que recai aos cínicos contemporâneos, podemos reconhecer algumas influências positivas do cinismo filosófico grego para a vida contemporânea: a) **que o homem sábio não precisa muito para viver** (mas essa filosofia prática também está presente em outras escolas filosóficas como também no cristianismo, no budismo etc.); b) **a opção pela liberdade de expressão** (*parrhesia*), principalmente ao inspirar a sátira aos costumes e gente do poder (*ridendo castigant mores/rindo, criticam os costumes*)²⁰; c) **a**

²⁰ “Validamente, a *parrhesia* cínica pode ser compreendida como a franqueza e a liberdade da palavra para enunciar a verdade e se posicionar contra as imposturas do poder, a lisonja e os falsos problemas filosóficos [e as aspirações dogmáticas]. Inscrita em uma filosofia moral, tal forma de transmissão da verdade é sempre

opção à livre ação (*anáideia*), que inclui até a licenciosidade.



CNJ denuncia movimentação “atípica” no judiciário.

Porém, alertamos sobre o efeito danoso do cinismo em nossa época tão permissiva e narcisista. Em vez do cajado de Diógenes, o cínico contemporâneo usa ferramentas perigosas para morder indiscriminadamente a todos.

Referências

- ALVES-MAZZOTTI, A.J. Impacto da pesquisa educacional sobre as práticas escolares. In: **Itinerários de pesquisa: perspectivas qualitativas em Sociologia da Educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- ANTISERI, D; REALE, G.; **História da filosofia**. v.1 São Paulo: Paulinas, 1990.
- ARONSON, R. **Camus e Sartre: o polêmico fim de uma amizade no pós-guerra**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.
- BETTO, F. Ferfins dos corruptos. In: **Folha de São Paulo**, 15/11/201.
- CHARLOT, B. O professor na sociedade contemporânea: um trabalhador da contradição. In: **rev. da FAEBA – Educ. e Contemporaneidade**. Salvador, v. 17, n.30, p. 17-31, jul/dez-2008.

articulada a um outro *ethos* do enunciador” (MOREIRA, op. cit, p. 81-82).

CHEMAMA, R. (org.). **Dicionário de psicanálise**. P. Alegre: Artes Médicas, 1995.

COSTA, J. F. **Narcisismo em tempo sombrios**. Rio de Janeiro: Taurus-Timbre, 1988, p. 151-174.

ECO, U. *A nebulosa fascista*. **Folha de S. Paulo – Cad. Mais!**, 14/05/1995.

FONSECA, R. **Cinismo**. (2011). Disponível em: <<http://www.50emails.com.br/2011/01/cinismo/>>

GATTI, B. Questões metodológicas e práticas em pesquisas em educação. In: **A pesquisa na pós-graduação em educação: reflexões, avanços e desafios**. Curitiba: Mestrado em Educação da Universidade Tuiuti, 2007.

GATTI, B. “Números vazios” (entrevista). **rev. Educação**, 2008. Disponível em: <<http://revistaeducacao.uol.com.br/formacao-docente/0/numeros-vazios-236392-1.asp>>

HOBSBAWN, E. **Tempos interessantes: uma vida no século XX**. São Paulo: C. Letras, 2002.

HRYNIEWICZ, S. **Para filosofar hoje. Introdução e história da filosofia**. 5.ed. Rio de Janeiro: Edição do autor, 2001.

JAPIASSU, H. & MARCONDES, D. **Dicionário básico de filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.

KHEL, M.R. *Pacto do cinismo*. In: **Folha de S. Paulo**: 04/06/2000.

LALANDE, A. **Vocabulário técnico e crítico de filosofia**. São Paulo, M. Fontes, 1993.

LIMA, R. Revolução ou revolta? - I - (Um retorno a Albert Camus em seis pontos). In: **Revista Espaço Acadêmico**. Julho-Agosto/2008. Disponível em:

Parte 1:
<http://www.espacoacademico.com.br/086/86li_ma_raymundo.htm> **Parte 2:**

<http://www.espacoacademico.com.br/087/87li_ma.htm>

MOREIRA, A. B. *Nietzsche e o cinismo grego: elementos para a crítica à “vontade de verdade”*. In: **Cadernos Nietzsche**, n.22, 2007. Disponível em:

<<http://www.cadernosnietzsche.unifesp.br/pt/home/item/128-nietzsche-e-o-cinismo-grego-elementos-para-a-cr%C3%ADtica-%C3%A0-%E2%80%9Cvontade-de-verdade%E2%80%9D>>

PONDÉ, L. F. Patético. In: **Folha de S. Paulo**, 04/10/2010: Disponível em: <<http://br.groups.yahoo.com/group/Acropolis/message/1294942010>>

ROSSET, C. **Lógica do pior**. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1989.

ZIZEK, S. **Eles não sabem o que fazem. O sublime objeto da ideologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

ZIZEK, S. *Saqueadores, uni-vos!* In: **revista Cult**, Ano 14, n; 161, Set/2011, p.20-22. Disponível em: www.revistacult.com.br

Sugestão para atualização sobre o cinismo:

BAYARD, P. **Como falar dos livros que não lemos?** Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

SAFATLE, Vladimir. **Cinismo e falência da crítica**. São Paulo: Boitempo, 2008.



* **RAYMUNDO DE LIMA** é Formado em Psicologia, Mestre em Psicologia Escolar (UGF) e Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo (USP). Atualmente é professor do Departamento de Fundamentos da Educação, área de Metodologia da Pesquisa, da Universidade Estadual de Maringá (UEM). Além de contribuir com cursos regulares da UEM, também atua em: curso de Pedagogia a Distância (EAD); Formação de Professores da Rede Estadual do Paraná (PDE); Univ. da 3ª. Idade (UNATI); pós-graduação *lato sensu* em Psicopedagogia Clínica (Psicanálise e Aprendizagem; Família e Educação); coordenação de projetos de Cinema e Educação e Grupo de Estudo de ‘Psicanálise e Contemporaneidade’.